

NÃO COMPARTILHE, NÃO EXISTA! REFLEXÕES EM TORNO DO SUJEITO NA CONTEMPORANEIDADE^[1]

¡No comparta, no exista! Reflexiones acerca del sujeto en la contemporaneidad

Kátia Alexandra dos Santos

FFCLRP-USP/UNICENTRO

Resumo: Este artigo traz uma reflexão acerca do sujeito na contemporaneidade, a partir do advento das chamadas redes sociais digitais. Compreendemos que o sujeito, no ambiente digital, encontra-se “enredado”, uma vez que precisa seguir determinadas regras próprias desse ambiente, sejam elas o uso de uma série de ferramentas, linguagem adequada, bem como é necessário que ele se mantenha conectado e se faça presente, via discurso, produzindo material linguístico, a fim de que possa existir nesse espaço. Inicialmente, apresentamos algumas considerações acerca do período contemporâneo e da noção de sujeito para a Psicanálise e para a Análise do Discurso. Na sequência, selecionamos quatro textos disponibilizados na internet, a partir dos quais refletimos acerca da relação dos sujeitos com as redes sociais digitais. A análise empreendida nos permitiu enxergar um sujeito que se organiza materializando sua virtualidade, um sujeito que não só compreende os papéis sociais, mas os manipula nas mais diversas instâncias virtuais; um sujeito que percebe as alterações dos sentidos, produzindo novas maneiras de lembrar (memória), de dizer, de ser, de perceber o tempo e o espaço.

Palavras-chave: Análise do discurso; Contemporaneidade; Discurso digital; Sujeito.

Resumen: Este artículo presenta una reflexión acerca del sujeto en la contemporaneidad, a partir del advenimiento de las conocidas redes sociales digitales. Compreendemos que el sujeto, en el espacio digital, si encuentra “entelado”, ya que necesita seguir determinadas reglas propias de ese espacio, seyan ellas lo uso de una serie de herramientas, lenguaje adecuada, asi como la necesidad de se mantener conectado y presente, vía discurso, produciendo material lingüístico, para que el sujeto pueda existir en ese espacio. Para empezar, hacemos algunas consideraciones acerca de la contemporaneidad y de la noción del sujeto para la Psicoanálisis y para el Análisis del Discurso. Después, seleccionamos cuatro textos en circulación en la internet, a partir de los cuales hicimos una reflexión acerca de la relación de los sujetos con las redes sociales digitales. El análisis ha apuntado que el sujeto se organiza haciendo material a su virtualidad, es decir, un sujeto que no solo comprende a los papeles sociales, pero los manipula en las diversas instancias virtuales; un sujeto que percibe los cambios de los sentidos, produciendo nuevos modos de acordar (memoria), de decir, de ser, de percibir el tempo e el espacio.

Palabras clave: Análisis del Discurso; Contemporaneidad; Discurso digital; Sujeto.

Introdução

O título deste texto, que mais parece uma publicidade de alguma rede social, surgiu de uma conversa informal com uma orientanda que também pesquisa as redes sociais e os efeitos nos sujeitos contemporâneos. Discutíamos, em conversa acalorada, o quanto hoje em dia, mais do que fazer qualquer coisa que seja, é preciso que o conteúdo seja compartilhado nas popularmente chamadas “redes sociais”, que designam o que conceitualmente tem sido designado como ou “redes sociais digitais” (Recuero, 2009; PAVEAU, 2013) ou “mídias sociais digitais”, como Facebook, Twitter, Instagram, Whatsapp, Tumblr, entre outras. A partir disso, começamos a refletir a própria noção de existência do sujeito que é discursivizado nas mídias sociais digitais, o quanto ele se torna “visível” ou “invisível” pelo modo como se transforma em discurso na mídia.

Se partimos da afirmação de Pêcheux, de que o discurso é efeito de sentido entre interlocutores (2009) e que é justamente pelo discurso que o sujeito advém, entendemos que o sujeito das/nas mídias sociais digitais encontra-se enredado, ou seja, preso a esse sistema que, como linguagem que é, possui regras de funcionamento e uma das regras é justamente manter-se conectado e produzindo material nas redes, para manter seu perfil ativo. Soubemos recentemente que, desde 2014, o Facebook, para dar conta dos macabros perfis de pessoas mortas, criou uma ferramenta que pode transformar o perfil não ativo em um memorial, a pedido dos familiares que devem preencher um cadastro e provar o falecimento e grau de parentesco. A partir disso, o perfil torna-se um mural, que só pode ser acessado pelos familiares^[2]. Obviamente, trata-se de um exemplo extremo, entretanto o fato indicia um processo de (re) conhecimento do sujeito nas redes sociais, afinal se as contas abertas nesses ambientes digitais não “morrem”, mas as pessoas sim, e isso é perceptível quando o sujeito não publica, é preciso fazer algo a respeito.

Falar de redes sociais digitais ou de mídias sociais digitais implica em pensar a internet e o período contemporâneo. E definir o período contemporâneo não é tarefa fácil. Tido por alguns como pós-modernidade (HALL, 2006), modernidade líquida (BAUMAN, 1998), hipermodernidade (Lipovetsky, 2006), ou simplesmente contemporaneidade, a dificuldade de nomeação diz de uma dificuldade histórica de simbolizar aquilo que ainda está ocorrendo. Jameson (2006) vai dizer que a pós-modernidade nomeia a esfera cultural, enquanto a globalização, a esfera econômica do período em que vivemos. A pós modernidade estaria relacionada a uma ressignificação

de tempo e espaço ligada ao próprio processo de globalização e de tecnologização no qual estamos inseridos. Nesse sentido, os contornos antes definidos de tempo e espaço que organizavam os sujeitos e seu cotidiano desaparecem, dando lugar ao instantâneo, às identificações plurais, ao fluído, à velocidade, ao excesso, ao consumo e ao prazer sem limites. A consequência disso são sujeitos globalizados, cambiantes, multifacetados, que já nascem em meio ao mundo tecnológico e sem limites, que já são introduzidos no mundo da internet antes mesmo de nascerem, sendo “postados” em redes sociais, aprendendo a falar, a escrever e explorar o mundo em meio a computadores, tablets e celulares.

Assim, independentemente do modo como nomeamos o momento atual e de como o relacionamos às novas mídias e tecnologias, apresentando posição favorável ou não às mudanças que estão ocorrendo na esfera das interações humanas, torna-se fundamental para os estudiosos das humanidades compreender de que modo vem se colocando o sujeito na contemporaneidade, sobretudo quando consideramos sua relação com a internet e as outras mídias, como se percebe a si mesmo e quais os efeitos disso nos processos de subjetivação.

A fim de iniciarmos, portanto, essa discussão, é necessário, primeiramente, definir o que estamos compreendendo por rede social ou mídias sociais digitais, para depois pensarmos os modos como o sujeito se insere nessa rede produzindo discursos. A nossa proposta passa por algumas teorias em torno da linguagem, da tecnologia, localizando-se, mais pontualmente, na intersecção entre a Análise do Discurso Pêcheutiana (doravante AD), a discussão sobre o discurso digital e alguns apontamentos da psicanálise lacaniana.

Redes sociais e Internet: o surgimento das “novas mídias”

Segundo Briggs e Burke (2006), a palavra “mídia” passou a ser utilizada a partir da década de 20, do século XX, e apenas nos anos 50 começa a ser falado sobre uma “revolução na comunicação”. “Mídia” é uma adaptação da palavra “media”, originária do latim *media*, plural de *medium*, que significa “meio” ou “forma”. O termo foi utilizado inicialmente para designar a grande imprensa, mas atualmente toma o sentido de todos os meios de comunicação. A mídia engloba novos e antigos formatos, mas mantendo sua vertente de produção de saber e poder:

Denúncias da nova mídia seguem um padrão semelhante, não importando se o objeto é a televisão ou a Internet. Elas nos remetem a debates antigos sobre os efeitos prejudiciais dos romances sobre os leitores e de peças teatrais sobre o público, nos séculos XVIII ou mesmo XVI, ao alimentar o ímpeto das paixões. (BRIGGS; BURKE, 2006, p.12).

Devemos compreendê-la, então, como o conjunto de todas as formas de comunicação destinadas ao grande público, às massas, entendo-a como um organismo sempre em modificação, que traz como elemento comum o uso da linguagem para fins de comunicação, a partir de vários veículos tais como rádio, televisão, textos escritos, internet, jornais, publicidade, revistas, filmes, etc.

Segundo Castells, no texto emblemático *Sociedade em Rede* (1999), publicado pela primeira vez em 1996, as Tecnologias da informação tiveram seu surgimento nos EUA, anos 70, com objetivos militares. Já a Internet surgiu de um sistema ousado, imaginado na década de 60 pela Agencia de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de defesa dos EUA (DARPA), para impedir a tomada do sistema de comunicação dos EUA pelos soviéticos, o resultado foi a ARPANET: uma “arquitetura de rede que, como queriam seus inventores, não pode ser controlada a partir de nenhum centro e é composta por milhares de redes de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão, contornando barreiras eletrônicas” (Castells, 1999, p.44). A ARPANET foi a base para uma rede de comunicação horizontal global composta por milhares de redes de computadores. A rede passou a ser utilizada para diversos objetivos.

Castells (1999), apesar de apresentar uma visão bastante pautada nos princípios liberalistas para falar das tecnologias da informação, traz uma importante consideração acerca da propagada dicotomia entre o real e o virtual, afirmando que o que chamamos de real é sempre virtual, porque mediado por símbolos. A isso ele chama de “cultura da virtualidade real”. Pierry Levy (2011) também critica a oposição real e virtual, entretanto afirma que se estabelecem alterações relacionadas a tempo-espço, a partir das novas tecnologias.

Castells (1999) entende essa revolução tecnológica com a junção de vários modos de comunicação em uma rede interativa, atuando na formação de um hipertexto e de uma metalinguagem capaz de integrar no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. Essa junção de linguagens também é destacada por Briggs e Burke (2006), quando discutem a história social das mídias. Desse modo, com imagens, texto e sons no mesmo sistema, conexões em pontos múltiplos, em rede aberta, pode-se dizer que se trata de uma revolução que altera nosso sistema de códigos e, conseqüentemente, nossa cultura.

Podemos dizer ainda que a internet é um veículo em ascensão. Embora muito disseminado, ainda não é acessível a todas as pessoas, contudo faz parte da vida e dos discursos mesmo de quem não usufrui diretamente desta tecnologia. Desse modo, termos como “tecnologização da cultura” ou “cibercultura” (RUBIM, 2007) passaram a fazer parte do nosso cotidiano. Espaço e tempo ganham outras configurações, passamos a falar em “realidade virtual” e as tecnologias da informação possibilitam a compreensão do que Castells (1999) chama de “sociedade em rede”.

Definida como rede mundial de computadores, mas não se limitando a isso, “a internet constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, que requerem que os cientistas sociais voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar” (Fragoso; Recuero; Amaral, 2013, p. 13)

A internet pode ser tomada como objeto de pesquisa, local de pesquisa e instrumento de pesquisa (Fragoso; Recuero; Amaral, 2013, p. 17) e figura como *locus* de busca e recuperação de informações, mas também como campo de interações sempre em movimento. É preciso considerar ainda que a internet não é um veículo único, mas múltiplo que condiciona diversas formas de interação, enquanto artefato cultural que é.

As redes sociais, por sua vez, são caracterizadas pela organização em nós e em conexões que amarram esses nós. O estudo das redes sociais intensifica-se a partir do surgimento dos sites de redes sociais na internet ou mídias sociais digitais: Orkut, Facebook, Twitter, Tumblr, etc. “Esses sites são caracterizados pela construção de um perfil com características identitárias (...) e com apresentação de novas conexões entre esses perfis” (Fragoso; Recuero; Amaral, 2013, p. 116), de modo que se colocam como fontes pertinentes de investigação sobre o sujeito na contemporaneidade.

O conceito de rede social, entretanto, é bastante amplo e parte da matemática para as ciências sociais (RECUERO, 2009) para designar todo tipo de organização em que se tem elementos que se ligam por diversos tipos de relações (família, amigos, comunidade, etc). Já a noção de rede social relacionada a plataformas online disponibilizadas na internet é bastante recente. Em seu texto *Redes sociais na internet*, Raquel Recuero (2009) apresenta texto inovador na área, definindo as redes sociais digitais, seu funcionamento e os modos de fazer pesquisa a partir desses ambientes virtuais. A autora afirma que uma rede, de modo geral, “é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (RECUERO, 2009, p. 24). A autora destaca o impacto nas comunicações

e na vida das pessoas a partir do que se tem chamado de CMC- comunicações mediadas por computador, originando as chamadas redes sociais digitais, que promoveram alterações no modo como interagimos com os outros.

As redes sociais na internet possuem elementos característicos que servem para que a rede seja estabelecida e seja percebida, com destaque para seus atores e tipos de conexões estabelecidas entre eles (RECUERO, 2009). Os atores são os nós da rede e podem ser tanto sujeitos empíricos como personalidades criadas na/para a rede, podem ser um *twitter*, um *blog*, etc. Desse modo, há diferentes formas de construção de sujeitos no ciberespaço e é sobre esse processo de construção mútua (dos sujeitos para os espaços digitais e dos espaços digitais para com os sujeitos) que pretendemos discutir a seguir.

Sujeito da linguagem nas mídias sociais digitais

A sociolinguística, mais recentemente, (LABOV, 1972/2008), e o próprio Saussure (1916/ 2006), que fundou a Linguística como ciência, nos trazem pressupostos que afirmam que o sistema linguístico possui regras que não dizem respeito apenas ao funcionamento dos elementos linguísticos, mas de regras sociais de uso da língua. Pela AD, sabemos que não há dissociação entre língua e ideologia, de modo que as regras estão relacionadas a posições ideológicas a partir do lugar do qual se fala (PÊCHEUX, 2009). Com as mídias sociais digitais, podemos pensar o mesmo funcionamento: há regras de utilização da linguagem e é preciso, mais do que dominar as ferramentas para uso dos instrumentos (computador, internet, celular), ou mesmo os jargões da linguagem digital, ter domínio de outras regras como: o que publicar, quando publicar, de que modo publicar, o que “curtir”, que ferramentas utilizar (dentre as disponíveis, que também vão se atualizando conforme o uso e solicitação dos usuários).

Tendo isso em vista, frequentemente nos deparamos com usos inadequados desses elementos de comunicação e interação nas redes sociais por sujeitos “não letrados” (TFOUNI, 2010) na cultura digital. Como exemplo, apresentamos abaixo uma postagem que apresenta um manual de etiquetas e denuncia usos considerados inadequados, “gafes” entre as normas de uso das mídias sociais digitais:



Figura 1. Imagens retiradas do perfil no Facebook recuperado em 10 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ManualdeEtiquetasRedesSociais>>.

As imagens destacadas trazem regras de funcionamento compartilhadas pelos usuários da rede, mas que não são necessariamente materializadas em nenhum “manual”, se não em publicações irônicas, como a que trouxemos para exemplificar esse tópico. Essas regras têm relação com um funcionamento específico da linguagem nas comunicações mediadas por computador e dizem respeito ao que Paveau (2013) tem chamado de tecnodiscurso, ou seja, modos de produzir efeitos de sentido no espaço digital, com suas características de manipulação da linguagem e dos recursos tecnológicos disponíveis nas plataformas digitais.

A fim de que possamos melhor compreender o sujeito na relação com as novas mídias, objeto deste trabalho, passamos a discutir o conceito de sujeito na psicologia e na psicanálise.

O sujeito da psicologia e da psicanálise

O conceito de subjetividade tem sido usado com bastante frequência na área da psicologia para designar, inclusive, seu objeto de estudo como ciência. (González Rey, 2011). Sobre o histórico desse conceito, Figueiredo (1994) aponta que no final do século XIX e início do século XX começa-se a cunhar um conjunto de produções em torno dessa

figura, o sujeito, de modo a definir um objeto para a psicologia como ciência, propiciando condições para o nascimento de um sujeito psicológico.

Inicialmente, o conceito de subjetividade serve, indefinidamente, para designar tudo que diz respeito à interioridade, algo contrário à objetividade proposta pelo modelo das ciências naturais. Com o advento das teorias sociais e culturais, esse conceito vai ganhando outros contornos, de modo que não serve apenas para dizer sobre o que constitui o sujeito internamente, mas, sim, para considerar a relação entre o interno/externo, dentro/fora que o constituem.

González Rey afirma que “a subjetividade é um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana, e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo de seu desenvolvimento” (2011, p. 36-37). O mesmo autor, ao tratar da subjetividade como elemento que se organiza em subjetividade individual e social afirma:

A subjetividade é um sistema processual, plurideterminado, contraditório, em constante desenvolvimento, sensível à qualidade de seus momentos atuais, o qual tem um papel essencial nas diferentes opções do sujeito (..) A flexibilidade, versatilidade e complexidade da subjetividade permitem que o homem seja capaz de gerar permanentemente processos culturais que (..) leva à reconstituição da subjetividade tanto social como individual. Os novos processos de subjetivação implicados nesses processos culturais se integram como momentos constitutivos do desenvolvimento da cultura (GONZÁLEZ Rey, 2011, p. 37).

Assim, tomamos o termo subjetividade para conceituar uma complexa rede de intrincadas relações de forças que comparecem na constituição do indivíduo (empírico) em sujeito, dotado de linguagem e cultura. A subjetividade, portanto, distancia-se da noção de individualidade já que considera as diferenças e fala de um lugar de constituição dos sujeitos na relação com o social que o produz.

Essa noção de interioridade para designar a subjetividade, que funciona como algo a ser controlado ou mesmo banido do discurso científico, tem suas origens em preceitos judaico-cristãos e alcança notoriedade com a psicanálise, que, de certa forma, reafirma o papel do interior.

A psicanálise surge juntamente com a Modernidade e instaura uma crise no sujeito da ciência: neutro, centrado, cartesiano. Ao introduzir a noção de inconsciente, Sigmund Freud coloca em xeque o sujeito da consciência, dono de suas palavras e ações, o que produz uma crise nas ciências humanas. Conforme afirmou Quinet (2012, p. 8),

Freud revolucionou a noção de subjetividade ao demonstrar que o eu não é dono da sua própria morada. De seu lado, Lacan desfez a ilusão de totalidade, mostrando que o eu é, antes de mais nada, outro.

Lacan, no texto *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1973/1988) aborda a constituição do sujeito a partir de dois processos: alienação e separação. A alienação consiste na entrada do sujeito no simbólico, que lhe é dado pelo Outro, ocupado nesse momento pela figura da mãe, que lhe oferece os primeiros significantes. Ao ser capturado pela rede de significantes, o sujeito (do inconsciente) desaparece e dá lugar a um sujeito dividido. Desse modo, o sujeito é produzido no desejo do Outro e, nisso, se encontra o outro nível da alienação. A separação consistiria, portanto, na tentativa desse sujeito de lidar com esse desejo do Outro, que precede a ele. Portanto, é na intersecção entre os elementos que pertenceriam aos dois conjuntos (do Outro e do sujeito), que se abre a possibilidade para o surgimento do sujeito enquanto efeito de ocorrência entre dois significantes. Desse modo, com Lacan podemos afirmar que o sujeito da psicanálise coloca-se contrariamente ao sujeito cartesiano do “penso, logo existo”, já que é justamente onde o pensamento consciente falha que emerge o sujeito de que trata a psicanálise.

O conceito de subjetividade migra da psicanálise para as psicologias, de um modo geral, sendo extremamente importante para esta noção conceitual. A fim de compreender outros modos de caracterização do sujeito, passamos a discutir o conceito a partir da Análise do Discurso.

O sujeito da Análise do Discurso

A AD é uma área que já nasce com uma proposta de interdisciplinaridade. Forjada a partir da articulação entre as teorias do discurso, linguística e materialismo histórico e ainda interceptada pela psicanálise, propõe um novo objeto nos estudos da linguagem, o discurso, entendido como “efeito de sentido entre interlocutores” (Pêcheux, 1993, p. 82). Desse modo, ao considerar a materialização da língua em situações de uso e interação entre os usuários, traz para os estudos da linguagem o papel da história, ou seja, da exterioridade que produz a materialidade linguística, além de se levar em conta o lugar do sujeito nessa produção. Assim, podemos dizer que “o discurso é onde se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (Orlandi, 2007, p. 17).

Ao falar do sujeito do discurso, Pêcheux (2009) parte inicialmente da noção de ideologia, uma vez que compreende que é pelo processo da interpelação ideológica que os sujeitos se constituem. Assim, a “ilusão” de ser fonte do dizer, pela qual é possível que o indivíduo se coloque como sujeito do seu discurso, identificando-se como fonte daquilo que diz, só é possível pela ação da ideologia, produzindo o “'sujeito' ideológico como 'sempre -já-dado'” (PÊCHEUX, 2009, p. 121).

Desse modo, a AD coloca-se, como já postulado por Pêcheux (2009, p.123), como uma:

teoria não-subjetivista da subjetividade, que designa os processos de “imposição/dissimulação” que constituem o sujeito, “situando-o” (significando para ele *o que ele é*) e, ao mesmo tempo, dissimulando para ele essa “situação” (esse *assujeitamento*) pela ilusão da autonomia constitutiva do sujeito, de modo que o sujeito “funcione por si mesmo”.

Um postulado fundamental, portanto, que a AD traz é o de “assujeitamento”, interpelação pela qual o indivíduo torna-se sujeito do discurso, mas, ao mesmo tempo, ilude-se pensando ser origem do que diz. Contudo, essa noção de sujeito tão bem afirmada em *Semântica e Discurso* (2009) e nas obras iniciais de Pêcheux, começa a se desmontar a partir de algumas leituras mais aprofundadas da psicanálise e de análises linguísticas tais como as de Jacqueline Authier (1990). Considerar a interpelação ideológica como um mecanismo perfeito em que nada falha é justamente o que falha da leitura pecheutiana das noções de Ideologia e Inconsciente e a tomada, mesmo que sem afirmar completamente, das duas noções como equivalentes e recobertas pela noção de grande Outro. Desse modo, em seu texto *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, texto de 1983, publicado como adendo, junto ao volume de *Semântica e Discurso* dessa edição que utilizamos (2009), Pêcheux começa a propor uma retificação da noção de sujeito e de sua interpelação. A grande questão agora colocada é que “o *non-sens* do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar, *nunca é inteiramente* recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto” (2009, p. 276).

Essa noção é particularmente importante para a reflexão que propomos na medida em que podemos pensar os deslizamentos no processo de torna-se sujeito na contemporaneidade, tendo em vista as características específicas desse período, com tudo o que ele traz em termos de esfacelamento e divisão do sujeito. Sempre há espaço para o acontecimento, para o real da língua e da história que aparecem a despeito do sujeito, produzindo nessas relações de reprodução espaço para transformação.

Por fim, para discutir ainda o conceito de sujeito e de subjetividade, passamos a apresentar, mesmo que brevemente, alguns postulados de Foucault, que traz contribuições importantes a partir de uma crítica à psicanálise e aos outros sistemas psicológicos que consideram a subjetividade como elemento relacionado à interioridade.

Foucault (2002) vai possibilitar uma visão crítica em relação à subjetividade. O autor fala em “desmultiplicação causal”, de modo que considera, nessa perspectiva, os múltiplos processos que constituem o fenômeno. Vejamos, inicialmente, que Foucault não fala em subjetividade, mas em “processos de subjetivação”, justamente por considerar que se trata de fenômeno processual (e não produto) que se dá no interior de complexas relações de saber-poder. O autor inicia sua discussão em torno dos modos de subjetivação partindo do que ele chama do “cuidado de si” (FOUCAULT, 2002) que dizia respeito a um exercício de cuidado sobre a própria existência, uma forma de controle facultativa e não regra, apenas para as pessoas que o desejassem, e que eram, por isso, considerados aptos às atividades políticas, por exemplo. Ainda na investigação do estoicismo, Foucault discorre sobre a transformação dos modos de subjetivação, esclarecendo que dentro desse mesmo modo de pensar, começa-se a considerar uma obrigatoriedade do ser humano em relação ao cuidado de si. Essa mudança gradual faz com que se altere o modo de subjetivação que, de algo ligado a uma escolha e possibilidade, passa à obrigatoriedade relacionada à essência do ser humano, abrindo espaço para os preceitos cristãos de purificação e penitência, que viriam a seguir.

Os modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, sendo que estas cooperam para produzir formas de vida e formas de organização social distintas e cambiantes. O individualismo dos dias de hoje, por exemplo, é um modo de subjetivação. Para pensar a noção de sujeito com a qual trabalha o autor, podemos dizer que “não há, portanto, em Michel Foucault, um sujeito universal, transcendental e genérico” (PRADO FILHO; MARTINS, 2007, p. 17), mas sim sujeitos concretos e historicamente construídos. Assim, podemos dizer com Foucault que:

A subjetividade se produz na relação das forças que atravessam o sujeito, no movimento, no ponto de encontro das práticas de objetivação pelo saber/poder com os modos de subjetivação: formas de reconhecimento de si mesmo como sujeito da norma, de um preceito, de uma estética de si (PRADO FILHO; MARTINS, 2007, p. 17)

Desse modo, Foucault rompe com um sujeito dado a priori, entendendo que ele se produz nos dados da experiência, mas também produz deslocamentos, sendo também ator desse processo. É o contato com dados e com acontecimentos que faz com que o

sujeito seja obrigado a mudar, tendo vista estranhamentos e angústias que decorrem dessas experiências.

Pensando nessa noção de sujeito que articula os postulados da AD e da Psicanálise, um sujeito, portanto, organizado socialmente, a partir do lugar social que ocupa, mas também um sujeito cindido, perpassado pelo inconsciente, passamos a discutir, a partir de algumas materialidades retiradas das mídias sociais digitais, o modo como os sujeitos têm se constituído nas redes e formas de comunicação mediadas por computador.

O sujeito nas redes sociais digitais

Bucci e Kehl (2004) falam do papel da mídia enquanto instância produtora de mitos na contemporaneidade, de modo que podemos compreender a mídia como uma forma de poder, além de se constituir como instância multifacetada e cambiante de interação e produção e divulgação de conhecimentos. Recuero (2009) fala da necessidade de visibilidade na internet, que se traduz em postagens, usos da linguagem em ambiente virtual, a fim de se fazer presente, construir sua identidade e ser (re)conhecido na rede. Temos hoje um mundo complexo e altamente conectado, em que as relações se dão de modo muito rápido e, pode-se dizer, fragmentado: amizades virtuais, várias formas de comunicação concomitantes e o sujeito esfacelado entre todas essas interações. Desse modo, há que se pensar as (re) configurações desse sujeito em função da exposição a essas novas tecnologias e formas de se relacionar, adoecer, curar-se, etc. Surgem novas formas de relacionamentos, experiências saudáveis, mas também novas formas de adoecimentos. Temos, por exemplo, o *cyberbullying*, as epidemias disseminadas pelas redes sociais (como as automutilações, anorexias e bulimias). Por outro lado, há o saber psicológico e científico, de um modo geral, circulando em todas essas fontes, possibilitando novas formas de intervenções.

Teóricos como Castells (1999), Hall (2006), entre outros, afirmam que, juntamente com o advento das tecnologias da informação, surge também uma necessidade de identificação dos sujeitos, o que aparece justamente em um momento de intensificação das interações globais. Há ainda, paradoxalmente às identificações de usuários considerados solitários, as identificações em grupo, a partir das comunidades virtuais. O ser na sociedade informacional organiza-se com o auxílio das novas tecnologias e estão integrando o mundo em redes globais, gerando inúmeras comunidades virtuais.

Contudo, seja de forma solitária ou na organização em grupo, a busca da identidade parece ser o elemento central.

Nesse sentido, Castells define como identidade o “processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado, principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais (1999, p. 57-58). Ainda, sobre a necessidade de construir identidades no ciberespaço, Recuero afirma que “É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação geralmente anônima do ciberespaço. Este requisito é fundamental para que a comunicação possa ser estruturada. (2009, p. 27).

Claudine Haroche (2008) vai falar em uma mudança nos modos de ser e de sentir na sociedade contemporânea, o que pode ser observado nos modos como o sujeito descreve a si próprio nas mídias sociais digitais. Considerando esses aspectos e uma mudança em processo que se coloca a partir das novas tecnologias e dos espaços virtuais fazendo cada vez mais parte da vida (chamada real) das pessoas, neste tópico trazemos alguns exemplos de materialidades tecnodiscursivas (PAVEAU, 2013) para demonstrar o modo como os usuários das mídias sociais digitais estão interagindo com as redes nas quais estão inseridos.

A metodologia empregada para a seleção das materialidades se deu a partir da Análise do Discurso em sua intersecção com a *Analyse du Discours Numérique* (PAVEAU, 2013), teorias que nos deram substrato para selecionar, em mídias sociais virtuais como Facebook e Twitter, conteúdos que tivessem ligação com a relação dos sujeitos com as plataformas virtuais. Os conteúdos foram buscados a partir de postagens que apareceram na própria página (*timeline*) da pesquisadora e, na maioria das vezes, eram *links* que direcionavam para outras plataformas, dado o caráter interativo entre uma e outra plataforma digital. O método não se afasta do que a AD faz, ao trabalhar com a noção de discurso e de recortes que remontam a um funcionamento discursivo que tem relação com o objeto teórico que se mobiliza.

A primeira materialidade que selecionamos trata de uma publicação que narra a história de uma garota (aliás, ela mesma narra, em primeira pessoa do singular), que passa a seguir a vida (e vive-la, juntamente) do ex namorado no Facebook. A publicação intitula-se: “Como vi meu ex se apaixonar por outra pelo facebook”^[3]. O primeiro elemento que chama atenção nesta postagem é o caráter ambíguo da expressão “pelo facebook”, que produz o efeito de que o ex namorado se apaixonou por outra

através/por meio do Facebook, quando, na verdade, ao ler a postagem, entendemos que a expressão refere-se ao verbo “ver” e não a “apaixonar-se”, de forma que se trata do modo como a própria autora acompanhou o processo de apaixonamento do ex namorado por outra pessoa por meio da referida rede social digital. A deriva ainda pode passar pelo efeito de apaixonamento pelo próprio Facebook, ou seja, a declarada paixão (ou vício) apontada por diversos usuários, tendo como objeto a própria plataforma virtual. O equívoco, aparentemente banal, nos diz muito da relação que se estabelece com a rede, o modo como a expectadora torna-se atriz, participante efetiva dos acontecimentos que acompanha pela rede social digital, o que pode ser lido a partir do lapso linguístico. Esse caráter participativo pode ser observado no fragmento da postagem transcrito a seguir:

Eu peguei meu celular no criado-mudo e dei uma olhada no Twitter. Eu precisava estar com ele, do jeito que fosse. Lendo os posts dele, conseguia ouvir a sua voz. Eu imaginava ele dando risada das próprias piadas antes de postar e sorria pensando nisso. Eu ouvia tão bem a voz dele que por um minuto nem me senti tão sozinha.

Em outros momentos, percebemos as interações e sensações virtuais e o como elas tornam-se parte do que chamamos de realidade. No fragmento a seguir, esse efeito se produz na narração do contato com uma pessoa que não se conhece pessoalmente, mas que passa a fazer parte da sua rotina por intermédio da rede virtual:

A internet me contou várias coisas sobre ela. Que ela era linda e inteligente. Que ela era sociável e tinha um sorriso doce. Eu queria odiá-la, mas não conseguia. Ela tirava fotos com crianças e sorria de forma muito sincera. Ela ria de um jeito que me parecia autêntico. Ela parecia uma daquelas mulheres que não demora para se arrumar. Olhava para a foto do perfil dela e depois para a do meu, tentando sair de dentro de mim e ser um juiz justo comparando nós duas. Olhava para nossos perfis e via tudo que a gente tinha em comum, e tudo que a gente não tinha.

De outro lado da famosa dicotomia que assola as opiniões sobre as mídias sociais digitais estão as postagens que entornam as discussões acerca da manipulação que as chamadas redes sociais trazem aos seus usuários. Nesse sentido, divulgou-se uma matéria chamada “O lado negro do facebook”^[4], que “revela” informações relacionadas a modos de manipulação das plataformas virtuais. Segue o trecho inicial: *“Ele vigia os seus passos, mexe com a sua cabeça, transforma você em cobaia de experiências. Conheça as verdades que a maior rede social da história da humanidade não quer que você descubra”*. A notícia menciona um estudo que diz comprovar que quanto mais tempo a pessoa passa

no Facebook mais triste ela é. Associa ainda o uso da rede social digital à solidão, à falta de empatia e ao narcisismo. Também afirma que o Facebook manipula a sequência das informações que aparecem em sua *timeline*, usando uma “fórmula secreta” e apresenta uma suposta experiência realizada com usuários dessa plataforma digital, que teriam sido usados como “cobaias” para um experimento relacionado a alteração de humor, a partir dos conteúdos que apareciam nos murais de cada usuário. Por fim, alude ainda ao caráter viciante dessas plataformas, usando de argumentos biológicos relacionados a estímulos e alterações de áreas cerebrais, enfatizando o caráter nocivo para a saúde mental.

O caráter viciante parece ser um elemento central nas discussões dos relacionamentos dos usuários com as redes digitais. Nesse sentido, a interação a todo custo é objeto de várias postagens. Selecionamos uma delas a fim de ilustrar a necessidade de publicação e interação constante (para existir?), alterando padrões éticos relacionados a práticas sociais. Segue *print* da postagem:



Figura 2. Notícia disponível em <<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/eita/estudante-de-medicina-faz-selfie-durante-parto-e-causa-revolta-144214070.html>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

A postagem traz a notícia de uma publicação feita por um estudante de medicina que postou uma foto durante a realização de um parto, com a seguinte legenda: “*moça, eu posso fazer o parto do seu bebê, mas antes deixe eu tirar uma selfie*”. Ainda nos comentários, ele completou: “*trazendo crianças ao mundo e reconstruindo vaginas*”. A postagem teve muita repercussão na rede entre os usuários. O que parece ser tópico numa publicação como essa é justamente o imperativo de publicar, de manifestar-se nas redes digitais, ser aceito, “curtido”, mesmo quando não damos conta dos efeitos do material que produzimos, como é o caso do sujeito em questão. Fala mais alto o lugar do usuário das mídias sociais digitais do que o lugar de profissional da saúde.

Por fim, a última materialidade que trouxemos para esta discussão diz respeito a uma atividade que pode ser compreendida como uma habilidade básica em uma sociedade letrada, como a nossa, o hábito de ler. A postagem indicia uma mudança significativa no modo como lemos a partir da existência das plataformas digitais:



Figura 3. Texto de Wagner Brenner. Disponível em:

<<http://www.updateordie.com/2012/10/03/socorro-nao-consigo-mais-ler-livros/>>.

Acesso em: 25 ago. 2015.

Os primeiros enunciados já produzem um efeito de domínio pelo *modus operandi* dos ambientes virtuais, denunciando a mudança da posição de um leitor de livros para um consumidor de internet:

Não consigo mais ler livros.
 Não que eu não queira. Simplesmente não consigo.
 Sou um leitor, desde que me entendo por gente.
 Sempre li muito. E continuo lendo.
 Mas de uns anos para cá, me alimentar compulsivamente de internet tem causado um efeito colateral que ainda não consigo explicar muito bem.
 Só sei que agora, toda vez que pego um livro nas mãos, não consigo ler, canso rápido. Se o texto não “embala” logo, preciso de muito esforço para continuar com a leitura.

O uso de termos médicos como “efeito colateral” e “compulsivamente” aponta para o discurso da medicina. Na sequência, o autor descreve o funcionamento desse “outro modo de ler”, dizendo que a mudança não tem relação com o suporte, mas com a extensão do texto, afinal ele não consegue nem mesmo ler livros digitalizados. O autor sabe que continua a ler, lê cada vez mais, entretanto se pergunta:

Será que agora só consigo ler coisas curtinhas e, de preferência, com uns links?
 Acho que não.
 Na verdade, nunca li tanto como agora. Passo o dia inteiro lendo. Mas leio cacos, fragmentos.

Sim, o efeito é conhecido e foi previsto anos atrás.
Sai o disco, entra a música.
Sai o filme, entra a série.
Sai a série, entra o curta do Youtube.
Sai a mesa de bar, entra o Facebook.
Sai o livro, entra o post, o artigo.
Tudo o que era consumido em pacote-família, em tabletão, agora é consumido em formato M&M's.

A denúncia aponta, assim, para a ordem dos sentidos e das sensações, efeitos do que é chamado no texto de *"snack culture"*. Além de surgir uma outra forma de ler, circular e não linear, menciona-se a perda da capacidade de concentração, a diminuição da atenção:

A internet causou em mim, e talvez em você, uma diminuição na atenção, um efeito similar ao do Transtorno do Déficit de Atenção (TDAH). Não que essa dificuldade de concentração seja um TDAH (que é neurobiológico e tem causas genéticas), mas tem essa característica em comum.

A perda da paciência é outro ponto destacado pelo autor do texto, que afirma: *"Esse é outro sintoma: fiquei mais factual e perco fácil a paciência com aquela fase de contextualização e envolvimento com os personagens"*. Diz acontecer o mesmo com músicas: ninguém mais tem paciência para ouvir um álbum todo!. As reflexões finais trazem um desabafo e algumas reflexões sobre as tecnologias da comunicação, que se alinham às considerações que trouxemos no tópico sobre as mídias e o surgimento da internet:

Sei que isso tudo soa como algo ruim, mas nem isso eu tenho certeza. A civilização humana já passou por isso muito antes da internet, por exemplo quando passamos da comunicação exclusivamente oral e acrescentamos a escrita. Colocar conteúdo por escrito livrou nossa memória e permitiu textos bem mais longos e precisos. Agora estamos de volta aos conteúdos curtos, mas ainda mais precisos. E, se um dia desenvolvermos a telepatia, certamente as palavras vão nos parecer ineficientes demais. Formas diferentes de trocar conteúdos, histórias.

O autor finaliza, ainda, com uma afirmação metalinguística, refletindo sobre o valor da própria postagem, que aponta para a necessidade de interação, de saber se outros usuários têm percebido também tais alterações e também estão assustados e sem saber o que fazer com os efeitos das novas tecnologias:

Enfim, um post pouco conclusivo, mais desabafo mesmo, para ver se tem mais gente nesse barco. Estou assustado por não conseguir mais ler um livro inteiro.

Essa última materialidade escolhida nos traz indícios das alterações na ordem dos sentidos dos sujeitos, conforme apontado por Haroche (2008), alterações essas que estão relacionadas a fatores biológicos que afetam indivíduos em seus corpos e que promovem modificações profundas na estrutura social. Com isso, é possível pensar em quais serão as repercussões na organização psíquica dos sujeitos inseridos na cultura digital. O que produzir-se-á a partir de indivíduos que materializam no ambiente digital a dualidade real *versus* virtual, cada vez tendo menos consciência dessa dicotomia, produzindo-se como sujeitos na relação com essas tecnologias.

Considerações finais: o sujeito enredado

As considerações finais deste texto não são mais do que elucubrações. E não, não vemos isso como problema, afinal tratar de um tema tão atual e emergente tem suas implicações: as mudanças ainda estão em curso e os movimentos sendo mapeados. Desse modo, esta pesquisa e este texto são mais uma tentativa de mapeamento desse sujeito que busca desenhar seus contornos no ambiente virtual, sujeito que ainda não conhecemos, mas cujo futuro antecipamos em séries atormentadoras como a atual *Black Mirror*^[5].

A primeira consideração a fazer é a necessidade de dar lugar no ambiente científico ao que se produz e tem circulado nas mídias sociais digitais. Consideramos que esses conteúdos são produções e, ao mesmo tempo, produzem sujeitos na contemporaneidade. Dito de outro modo, têm implicações na vida das pessoas, as modificam, angustiam, produzem os efeitos mais diversos, de modo que não podem ser desconsiderados. A segunda consideração diz respeito à necessidade de articular diversas áreas do saber a fim de dar conta desse objeto. Se falamos do lado da psicologia, da psicanálise, buscamos auxílio nas ferramentas da análise do discurso para pensar as materialidades discursivas produzidas pelo sujeito em rede(dado). Ainda, não podemos deixar de buscar auxílio nas teorias da comunicação, para dar conta do veículo a partir do qual se propagam essas materialidades, afinal compreender a mídia e as chamadas “novas mídias” é fundamental. Outros conhecimentos que devem ser buscados são os relacionados às teorias da informação, ou mais propriamente da informática, com vistas a compreender de que modo funcionam as ferramentas que nos permitem interagir no meio digital. Por fim, a filosofia e a sociologia nos dão instrumentos para pensar o

período contemporâneo, ainda em curso, derivado do que restou da modernidade e do período que se seguiu a ela.

O que podemos dizer, ao fim de nossa incursão pelo conceito de sujeito e da relação com o ambiente virtual, é que há mudanças e elas são perceptíveis e circulam no senso comum, uma vez que as pessoas falam sobre elas. Mudanças na ordem da linguagem e do discurso, como já afirmou Paveau (2013), ao cunhar o termo “tecnodiscurso” para diferenciar a produção discursiva que circula no meio digital. Mudanças se colocam também no corpo dos sujeitos, na ordem do sentir e do ser, trazidas por alterações do tempo e do espaço, como afirmou Claudine Haroche (2008). E a pergunta que nos colocamos a partir dessas mudanças é: quais são as repercussões nas formas de subjetivação ao pensar um sujeito que se organiza materializando sua virtualidade, um sujeito que não só mais compreende os papéis sociais, mas os manipula nas mais diversas instâncias virtuais; um sujeito que percebe as alterações dos sentidos, produzindo novas maneiras de lembrar (memória), de dizer, de ser, de perceber o tempo e o espaço? Só saberemos as reais modificações quando pudermos investigar essas formas de subjetivação em sujeitos nascidos na era virtual, entretanto os contornos já estão se colocando, as mudanças são perceptíveis e devem ser tomadas como constituintes desse sujeito que tomamos como objeto de estudo. Resta dizer que cada vez mais o sujeito encontra-se em rede(dado), enredado numa rede virtual cada vez mais imbricada com aquilo que chamamos de realidade.

Nota de rodapé

[1] Artigo resultado do estágio de pós-doutorado realizado no Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-FFCLRP-USP, no período de 01 de junho de 2015 a 31 de maio de 2016, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, sob supervisão da prof. Dra. Leda Verdiani Tfouni.

[2] Conforme notícia disponível em:

<<http://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2014/06/16/perfis-de-pessoas-mortas-no-facebook-viram-memorial-entenda.htm>>. Acesso em 30 ago. 2015.

[3] Publicação disponível em: <https://www.buzzfeed.com/kirstenking/como-vi-meu-ex-se-apaixonar-por-outra-pelo-facebook?utm_term=.erBElyVb0#.xuj5Zb0mN>. Acesso em: 17 jun. 2015.

[4] Matéria disponível em: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/o-lado-negro-do-facebook>> . Acesso em: 01 jul. 2015.

[5] Série disponibilizada na Netflix, que retrata o futuro, narrando diversos episódios com base na relação dos sujeitos com a tecnologia.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Trad. CRUZ, Celene M. e GERALDI, João Wanderley. Campinas, (19): 25-42, jul/dez, 1990.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BRIGGS, A ; BURKE, P. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BUCCI, E; Kehl, M.R.. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FIGUEIREDO, L. C. M. *A invenção do psicológico: Quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. Linhas de fuga (2. ed.). São Paulo, SP: Escuta, 1994.
- FOUCAULT, M. [1985]. *História da Sexualidade, vol. III – o Cuidado de Si*. 7 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- GONZÁLEZ REY, F.L. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAROCHE, C. *A condição sensível*. Trad. Jacy Alves de seixas e Vera Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.
- JAMESON, F. [1982]. Pós-modernismo e sociedade de consumo. In: *A virada cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. [1972]. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LACAN, J. [1973]. *O seminário: livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LEVY, P. [1996]. *O que é o virtual?*. Trad. Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- LIPOVETSKY, G. *Los tiempos hipermodernos*. Traduzido por Antonio-Prometeo Moya. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PAVEAU, M.A. La mémoire numérique. Réflexivité et technodiscursivité. *La pensée du discours* [Carnet de recherche], 2013. Disponível em :
< <http://penseedudiscours.hypotheses.org/?p=8204>>. Acesso em 18 nov.2015.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In F. Gadet & T. Hak (Orgs). *Por uma análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993, p. 61-161.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* [1975]. Trad. Eni Orlandi et al. 4 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2009.

PRADO FILHO, K; MARTINS, S. A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). *Psicologia & Sociedade*; 19 (3), 2007, p. 14-19.

QUINET, A. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RUBIM, A. A. C. Cultura, conexão e contemporaneidade. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo. Vol. 4 n. 9, mar/2007, p 107-125.

SAUSSURE, F. [1916] *Curso de linguística geral*. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

TFOUNI, L.V. *Letramento e alfabetização*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010

Recebido em 23/08/2016

Aceito em 03/12/2016.